

Pais reclamam da reforma do ensino

PROFESSORA CRITICA SEPARAÇÃO DE ESCOLAS POR FAIXA ETÁRIA E DIZ QUE SECRETARIA DA EDUCAÇÃO ESTÁ FAZENDO PROPAGANDA ENGANOSA

O projeto de reorganização da rede estadual de ensino, que separou as escolas de acordo com a faixa etária dos estudantes, só não teria se transformado em pesadelo para a dona de casa Neusa Aparecida Mariano se, junto com o comunicado despachando cada um dos seus três filhos para estabelecimentos diferentes, ela também tivesse recebido uma perua Kombi de presente da Secretaria da Educação. "Seria a única maneira de conviver com essa reforma que mandou cada um dos meus filhos para uma escola", diz.

Neusa é mãe de Juliana, 12 anos, Leandro, de 10, e Bruna, de 8. Os três estudavam, até o último dia 22 de dezembro, na ex-escola-padrão M.M.D.C., no bairro da Mooca. Após a reforma, Juliana foi a única a ter sua matrícula garantida na mesma escola. Leandro foi transferido para a E.E.P.G. Armando Araújo, e Bruna para o Pandiá Calógeras. As escolas ficam no mesmo bairro, mas são separadas por avenidas de grande movimento. "Tenho de pensar em alguma solução, ou não conseguirei fazer outra coisa na vida além de levar e buscar filhos na escola", reclama Neusa.

A reforma também acrescentou um problema a mais na já complicada vida de Rosana Cinqui, faxineira da Universidade São Judas Tadeu. Seu filho do meio, Rafael, 10 anos, também estudava no M.M.D.C., a apenas um quarteirão de casa. Agora, está matriculado no Pandiá Calógeras, dez vezes mais longe. "Como trabalho das 5h30 às 15h, tenho de encontrar alguém que possa levar e buscar meu filho na escola" diz Rosana.

"Com essa reforma, os técnicos da Secretaria da Educação provaram que não é só de pedagogia que eles não entendem. Também não têm noções de distância e topografia", critica a professora Vera L.A.

"Em 28 anos de magistério, presenciei diversas reformas educacionais. Mas nunca vi medidas tão autoritárias como agora. Esse projeto não apresenta nenhuma política pedagógica. Desde quando mudar de prédio e separar crianças é sinônimo de avanço pedagógico?" Segundo a professora, o folheto distribuído pela Secretaria da Educação, contendo os princípios e as vantagens da reforma, deveria ser apreendido pelo Procon "por se tratar de propaganda enganosa".



"Minha neta Gabriela, de 8 anos, foi transferida da Escola Olga Benatti para a Escola André Dreyfus, mais distante e separada de nossa casa por duas avenidas muito perigosas", reclama a dona de casa Neide Parisato Campos, de 55 anos, que mora na Vila Prudente. Resultado: a partir do mês que vem, Neide começa a pagar uma perua escolar para o transporte da neta.

Essa solução, no entanto, não poderá ser adotada pelas dezenas de famílias carentes do Conjunto Habitacional Cintra Godinho, próximo da Escola Olga Benatti. "Muitas mães que vivem nesse conjunto já garantiram que não vão deixar que seus filhos estudem na Escola André Dreyfus, com medo dos atropelamentos", diz Neide Campos. A luta contra o projeto de reforma da Secretaria da Educação levou ontem um grupo de mães de alunos até o prédio da Cogesp (Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo), no Largo do Arouche, na região central. Elas registraram, em fotos e filmes, o estado precário em que se encontra o prédio da EEPSP Armando Araújo, na Rua Juvenal Parada, Mooca, para onde foram enviados vários dos ex-alunos da escola-padrão M.M.D.C.

"Nossos filhos foram atirados num chiqueiro", protestava a dona de casa Cleide de Castro Bido, mãe do garoto João Vinícius, de 8 anos. Os pais dos alunos transferidos para a Escola Armando Araújo têm em mãos um dossier com diversos pedidos de reformas do prédio encaminhados à Cogesp pela diretora Anamelia Spisso. Nenhum deles foi atendido.

Os pais alegam que os alunos do M.M.D.C. já tinham tudo o que a Secretaria da Educação agora vem prometendo. "Foram vários anos de trabalho da Associação de Pais e Mestres para transformar a M.M.D.C. em escola-padrão", di-



Cleide de Castro Bido e João Vinícius: "Nossos filhos foram atirados num chiqueiro"

zia a dona de casa Eliana Soares Braga Del Papa.

O vendedor Carlos Alberto dos Santos Fernandes afirma que a classe de seu filho Felipe, de 9 anos, foi mutilada. Dos 40 alunos da classe, segundo ele, 15 foram transferidos para o Armando Araújo, os outros 25 agora estão matriculados

no Pandiá Calógeras. "As crianças estão sendo retiradas de seu ambiente natural e perdendo os amigos. Tenho certeza de que isso vai prejudicar seu desempenho."

A grande queixa dos pais, no entanto, é a de que a Secretaria da Educação estaria, indiretamente, repassando para eles a responsabi-

lidade pela conservação e reformas dos prédios escolares. "Como não queremos ver nossos filhos estudando em pardieiros, seremos obrigados a fazer o trabalho que deveria estar sendo feito pela secretária Rose Neubauer", reclama Cleide Bido.

Sérgio Roveri